

Professor da Faculdade de Enfermagem recebe Medalha de Mérito Oswaldo Cruz

No dia 24 de novembro o professor Márcio Tadeu, da Faculdade de Enfermagem (FEN), recebeu a Medalha de Mérito Oswaldo Cruz, concedida pelo Ministério da Saúde. A condecoração foi criada em 1970 para homenagear profissionais das áreas científica, educacional, cultural e administrativa relacionadas com a higiene e a saúde pública que tenham contribuído para o bem-estar físico e mental dos brasileiros. A medalha foi entregue durante a 10ª Mostra Nacional de Experiências Bem Sucedidas em Epidemiologia, Prevenção e Controle de Doenças (Expoeppi), realizada em Brasília.

Há 21 anos o professor coordena o projeto “Só alegria vai contagiar neste carnaval”, que consiste na distribuição de preservativos e na orientação sobre a prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), como a Aids, e se intensifica nos meses que antecedem os dias de folia. De acordo com Márcio Tadeu, há três anos a campanha de carnaval sobre prevenção de Aids e DST do governo federal é lançada no Rio de Janeiro. “Receber um prêmio de âmbito nacional como esse e ler seu nome em um decreto presidencial é o reconhecimento de um longo trabalho”, disse Márcio Tadeu, ganhador da medalha na categoria bronze. “Pretendo chegar à categoria ouro, mas o bronze já tem um peso muito grande.”

Segundo o docente, o projeto atua nas escolas de samba dos grupos especial e de acesso, nos barracões, nos ensaios técnicos e no sambódromo. “Também trabalhamos com os profissionais envolvidos no evento, como

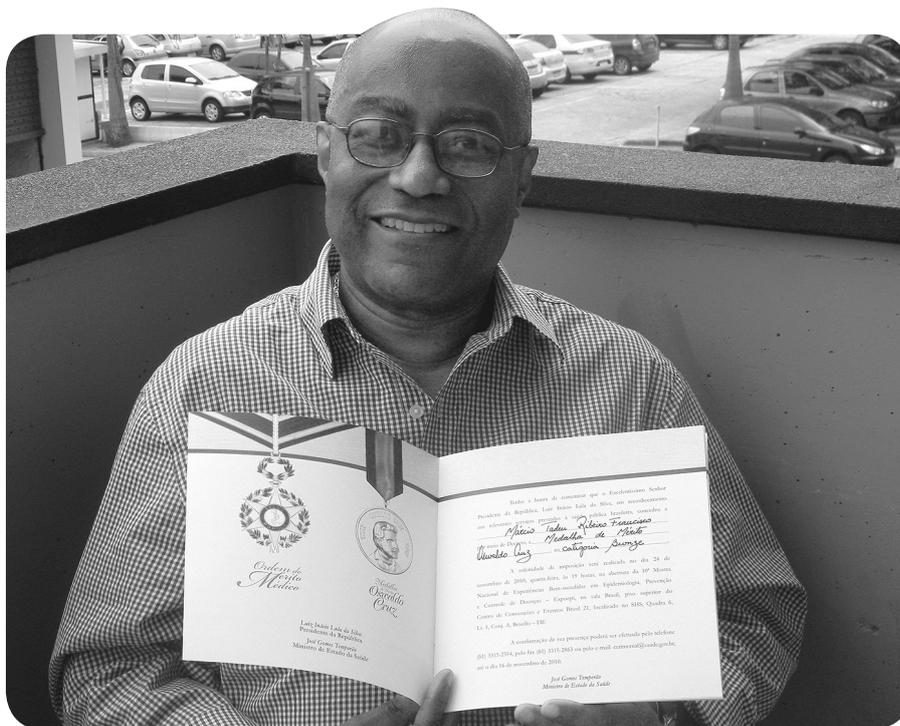


FOTO: KAREN CANDIDO

Trabalho realizado há 21 anos pelo professor Márcio Tadeu é reconhecido pelo Ministério da Saúde

bombeiros, policiais militares e seguranças”, afirmou.

O professor falou sobre a implantação de um ponto distribuição permanente de preservativos no balcão de informações da UERJ, em parceria com a Comuns e a Prefeitura dos *campi*. “Esse era um sonho antigo. Nossa intenção é criarmos pontos em outros setores.” Márcio Tadeu orgulha-se também da campanha realizada com as mulheres que trabalham nos barracões da Cidade do Samba. “Já começamos a atuar nos barracões não só com prevenção de DST e Aids, criando um banco de preservativo nesses locais, mas também orientando essas mulheres quanto a higiene, saúde coletiva, ginecologia e obstetria”, explicou.

O projeto tem apoio do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA),

Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (Unaid), Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Liesa), Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro (Riotur), Secretaria Estadual de Saúde e Ministério da Saúde. A equipe é formada por funcionários e voluntários do estado e do município, alunos de graduação da FEN, servidores da UERJ e estudantes das universidades Veiga de Almeida e de Valença.

Márcio Tadeu adianta que o projeto terá sua ação ampliada a partir do próximo ano. “Atuamos nos Jogos Pan-americanos de 2007 e vamos participar dos Jogos Mundiais Militares de 2011. No dia 9 de janeiro, acontecerá o primeiro ensaio técnico das escolas de samba e estaremos lá”, avisa.

Prof. Ricardo Vieiralves, Reitor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A UERJ é uma agência de desenvolvimento preocupada com

Ao final de 2011, o professor do Instituto de Psicologia Ricardo Vieiralves terá completado seu mandato como Reitor da UERJ. Em três anos de gestão, conquistas importantes foram alcançadas, como a implementação do plano de carreira dos docentes e o reajuste salarial de 22% para os técnicos-administrativos. Nesta entrevista, o Reitor, que entrou para a Universidade como aluno em 1978, faz uma análise da Instituição, dos seus avanços e os planos para o próximo ano.

Em 2010, a Universidade completa 60 anos. Como professor da Instituição desde 1988, em que aspectos a UERJ avançou e quais áreas ainda necessitam de melhorias?

Estou na UERJ há mais de 30 anos. Entrei como estudante do curso de Psicologia. Faço parte de mais da metade dos 60 anos da instituição. Considero a nossa Universidade singular, a instituição mais parecida com o Rio de Janeiro, com suas maravilhas e seus problemas. É corajosa, democrática, pioneira e tem ousadia, que é a metáfora que mais a aproxima desta cidade. Fomos a única instituição durante anos a oferecer ensino noturno, dando às pessoas que trabalhavam durante o dia condições de cursar o nível superior. Fomos ainda a primeira universidade a estabelecer eleições para reitor. Temos uma bellissima história de serviços prestados ao Rio de Janeiro e ao Brasil. No entanto, também possuímos problemas. Muitas vezes confundimos democracia com uma luta interna fratricida, um excesso de pensamento crítico que acha que nada está bom. Entretanto, acredito que a qualidade prevalece sobre os defeitos, assim como no Rio de Janeiro. Nosso grande desafio é cumprir o papel estratégico para o estado, sendo uma agência de desenvolvimento também preocupada com o social e o cultural. Tenho afirmado que a universidade brasileira tem hoje um papel adicional àquele para o qual tradicionalmente foi estabelecida, que é a produção de conhecimento e a formação de recursos humanos. Não adianta pensarmos



“Nosso grande desafio é cumprir o papel estratégico para o estado”

em desenvolvimento econômico sem a revisão de conceitos da vida social. A universidade tem o papel de fazer uma crítica à xenofobia, à homofobia e a outros temas que introduzi na UERJ e vêm obtendo reações diversas. A universidade tem uma função política de grande porte: discutir um modelo que resgate valores humanísticos, éticos e civilizatórios. Espero que a UERJ ocupe esse valor progressista como em outras etapas da história do Brasil.

A UERJ está realizando diversos convênios com instituições de ensino estrangeiras nos últimos meses. Como o senhor avalia essas parcerias?

A ciência e a formação de conhecimento não possuem nacionalidade. Então, abre-se a possibilidade de diálogo com o mundo. É algo bom para a Universidade, mas também para as instituições estrangeiras. Quanto aos nossos estudantes, viver seis meses na Europa é uma experiência de vida. Certamente ele será um profissional melhor e isso modificará uma série de comportamentos, fará uma crítica positiva sobre seu país, vai compreender outra cultura e retornará provavelmente cantando o Samba do Avião, de Tom Jobim, que quando compôs essa canção estava morrendo de saudades. Enfim, o estudante vai gostar mais do Brasil.

o social e o cultural

Durante a sua gestão foi retomado o processo de interiorização da UERJ, inclusive com a criação do curso de Turismo em Teresópolis, em parceria com a Prefeitura. Qual a importância da interiorização da Universidade?

Faz parte da perspectiva da agenda de desenvolvimento. O Rio de Janeiro não pode ser um estado com uma capital pujante e um interior pobre. Ou ele se desenvolve de maneira igual ou morre. Somos diferentes de nossas irmãs federais, que precisam da economia nacional. O estado do Rio de Janeiro pode estar mal e o de São Paulo muito bem, por exemplo, e os recursos irão para as universidades federais de qualquer forma. Se o Rio de Janeiro estiver mal, nós naufragamos junto porque dependemos da economia do estado para sobreviver. Temos que ajudar a desenvolver o Rio de Janeiro. Se não tivermos uma estratégia prudente, bem pensada e inteligente de compromisso com o desenvolvimento estamos, na realidade, nos matando.

Que balanço o senhor faz desses três anos como reitor da UERJ?

Temos trabalhado tanto e sem parar que ainda não conseguimos o tempo necessário para uma reflexão profunda. O que nós temos certeza é de que quatro eixos de mudanças positivas foram estabelecidos. A primeira foi a recuperação da imagem social da Universidade. Tenho acompanhado os indicadores da imprensa. Saímos das folhas policiais e fomos para as editorias que nos merecem, como educação e política. Isso está repercutindo claramente: temos hoje o maior vestibular de toda a nossa história. A segunda foi o retorno do funcionamento da máquina da Universidade, que voltou a ter



FOTOS: KAREN CANDIDO

“Quatro eixos de mudanças positivas foram estabelecidos nesta gestão, entre eles a recuperação da imagem social da Universidade”

tranquilidade. A terceira mudança é a qualidade excepcional do nosso corpo de funcionários e docentes, que, compreendendo a grandeza da UERJ, disputaram os editais e trouxeram recursos que nunca tivemos. É um reconhecimento que esperava como Reitor. Por fim, nossa relação com o estado melhorou. Não é uma relação fácil, porque a universidade sempre quer mais recursos e a gente sempre considera (com toda a razão) que eles são insuficientes. Mas, este

ano, conseguimos uma recomposição do orçamento na ordem de R\$ 40 milhões a mais. Isso é um marco fabuloso, resultado da força do reitor, da instituição, do corpo docente, da comunidade universitária e um pouco mais de respeito do governo por nós. Estou muito esperançoso que a Universidade vai continuar crescendo, tornando-se ainda mais significativa para o Rio de Janeiro.

Durante sua gestão várias projetos estão sendo tirados do papel, como o restaurante universitário e o centro esportivo. Que outras realizações o senhor destacaria?

Conseguimos implementar o plano de carreira docente; pagamos dívidas; concedemos reajuste salarial de 22% para os técnicos-administrativos depois de dez anos; aumentamos a bolsa dos estudantes em mais de 60%; expandimos a bolsa dos cotistas, que era de um ano, para todo o curso; estamos terminando o restaurante universitário e o centro poliesportivo; recompusemos quase toda a infraestrutura da Universidade, incluindo o telhado e o subsolo do Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha (Haroldinho).

(Continua na próxima página)

Estamos construindo ainda um prédio para a Pós-graduação da Odontologia. Consertamos a infiltração da cisterna; revisamos toda a parte elétrica da subestação; reformaremos os banheiros do bloco F para que estejam prontos no retorno às aulas em março. Não paramos de trabalhar. Não é mérito exclusivo da Reitoria da Universidade, mas de toda a comunidade que, quando convocada, soube responder, porque gosta desta casa. Porém, ainda tem muita coisa a se fazer.

E que ações o senhor pretende priorizar no próximo ano?

Vamos terminar as obras de infraestrutura que ainda estão pendentes, inclusive a do pavilhão Américo Piquet Carneiro. Estamos construindo com recursos da Petrobras um anexo que irá abrigar laboratórios das áreas de Química e Geologia. Pretendemos avançar as obras do chamado Celulão. Há também outras demandas, como ajustes na questão do nosso funcionalismo: temos que estar resolvidos com relação à progressão de carreira dos docentes. Também é preciso fazer uma rediscussão sobre a carreira técnico-administrativa, a fim de valorizar mais a carreira e a qualidade dos funcionários. Continuarei o quarto ano da minha gestão com a mesma energia do primeiro e, ao final do mandato, vou respirar e dizer que cumpri da melhor maneira com a minha responsabilidade.

Qual a mensagem o senhor deixaria para a comunidade da UERJ?

Muito obrigado! Esta Universidade é excepcional. Orgulha-me participar dela e ter mais da metade de minha vida comprometida com a Instituição. A UERJ não é feita de concreto, mas sim por seus estudantes maravilhosos e seus funcionários. Sou muito apaixonado por esta Universidade.

Pesquisa favorece terceira idade



FOTO: RODRIGO CHEREM

Participantes do projeto da UnATI com a pesquisadora Célia Cohen (à direita)

Um projeto desenvolvido pela Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI), com o apoio do Instituto de Educação Física e Desportos da UERJ (IEFD) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas tem movimentado as manhãs de cerca de 250 participantes que foram divididos em grupos para a realização de ciclos de atividades físicas. A iniciativa se deve à pesquisa de doutorado *A percepção de idosas sobre o impacto de diferentes tipos de treinamento em suas atividades cotidianas*, de Célia Cohen. Ela pretende promover a melhoria da qualidade de vida a partir de exercícios físicos direcionados ao aumento da potência muscular.

O primeiro grupo, iniciado em 29 de setembro, se aproxima do final do treinamento, em função do qual serão avaliados os resultados. Apesar de recente (o projeto está em fase experimental e deve seguir por dois anos), a pesquisadora já observa mudanças expressivas. “A partir da adaptação aos treinamentos e da evolução destes, constatamos melhoras no desempenho das tarefas motoras das participantes. Mas o que mais valorizo é a alegria, a dedicação e o empenho que elas de-

monstram a cada treinamento, pois essa é a contribuição mais valiosa para o reconhecimento de todo trabalho.” O clima durante e após as aulas, segundo as alunas, é de descontração e companheirismo. “Nunca tinha feito esse tipo de atividade. Estou gostando muito dos resultados físicos e da relação com as colegas. Quero entrar no sorteio para o ano que vem”, disse Helia Bittencourt, de 68 anos, que frequenta diariamente a UnATI.

Envolvido na parceria que gerou o projeto, a partir da prestação de apoio logístico e acadêmico à pesquisa, o professor Edson de Almeida Ramos, Diretor do IEFD, vê nesse tipo de ação um compromisso da Universidade. “Educação é trabalho científico. Queremos que os alunos e as pessoas em geral conheçam bem esse lugar. Então é necessário apostar em iniciativas que contribuam para o rompimento dessas barreiras entre UERJ e comunidade, sobretudo em um trabalho que valorize a vida do idoso.” As atividades são realizadas na sala de musculação do IEFD, localizada no Ginásio de Esportes da UERJ, três vezes por semana, das 7h30 às 8h30.

